

Criação / Música

Sobre o valor e o desvalor da obra de arte

H. J. KOELLREUTTER

“Não há normas, nem fórmulas, nem regras que possam salvar uma obra de arte, na qual não vive o poder de invenção.”

NUMA ÉPOCA em que grande número de valores tradicionais, até a própria verdade tem sua validade posta em questão, a educação para a seleção e para o senso de valor e desvalor adquire uma importância capital. Permito-me, por isso, enfatizar que a educação artística e estética moderna, hoje, deveriam tratar especialmente dos conceitos de valor. Tal teoria de valores, porém, encontraria dificuldades consideráveis no campo relativista da arte.

Apesar de estar consciente desses problemas, gostaria de tentar assentar alguns princípios básicos, que pudessem contribuir para a construção de uma teoria de valores no campo da arte; porque acredito que o futuro de nossa arte dependerá, decisivamente, do estabelecimento de uma consciência de valores.

O conceito *valor* não pode ser definido rigorosamente. Ele pertence àqueles conceitos abrangentes como *ser*, *existência*, *realidade*, entre outros, que não comportam uma definição propriamente dita. Por conseguinte, podemos apenas tentar aclarar o sentido da palavra *valor*.

Não me proponho, no curso deste ensaio, a dar uma resposta definitiva aos problemas persistentes e variáveis dos critérios de valor na arte, mas esforçar-me-ei, pura e simplesmente, no sentido de uma contribuição para a resposta e discussão de questões básicas e importantes da criação artística de nosso tempo; especialmente nos países do Terceiro Mundo, isto é, nos países que não possuem uma tradição artística como é entendida no mundo ocidental. Países nos quais vivi a maior parte da minha carreira.

Quando falo de países do Terceiro Mundo, refiro-me a um complexo populacional, que social, cultural e economicamente não é homogê-

neo. Um complexo populacional no qual existem diferenças interculturais de importância fundamental, que ainda hoje pertencem a diferentes fases de desenvolvimento cultural e, em consequência disso, devem ser diferenciadas.

Mesmo hoje, três fases de desenvolvimento cultural desempenham um papel preponderante nesses complexos populacionais, do ponto de vista social e cultural.

Talvez, eu devesse chamar a atenção para o fato de que parto de um conceito ampliado de cultura: entendo por cultura o meio ambiente secundário do homem como um todo, isto é, tudo aquilo que o homem cria a partir da mera natureza, ou seja, o ambiente primário, e em discussão com esta.

A primeira fase, em que o homem era apenas apto para a coleta e a caça; uma segunda fase, caracterizada pela domesticação de plantas e animais, em outras palavras, agricultura e pecuária, e por manufatura rudimentar; assim como uma terceira fase, que teve seu começo há quase dois séculos e meio, ou seja, desde a chamada Revolução Industrial, na qual o homem se tornou apto, mediante a exploração de fontes de energia sempre novas e mais poderosas, pelo esforço sistemático para a melhoria de seus conhecimentos na área das ciências naturais, a aperfeiçoar suas capacidades medicinais e tecnológicas, e sua capacidade produtiva em uma medida jamais esperada anteriormente: aumentando sua expectativa de vida, multiplicando a população, mas, ao mesmo tempo, aperfeiçoando seus meios de aniquilamento, no sentido de fazer com que seus conflitos sociais e, especialmente, internacionais se tornassem sempre mais perigosos para toda a humanidade.

Essa terceira fase criou, de fato, em todas as áreas, uma nova situação de vida, para cujo entendimento as experiências do passado são insuficientes.

Ao mesmo tempo, deve-se tomar em consideração o fato de que nos países do Terceiro Mundo se desenvolveu um processo de integração sócio-cultural, que gerou como consequência instituições sociais, cuja complexidade, abrangência e estruturação são diferentes daquelas, que pouco antes da independência desses países, na época da colonização, determinavam a experiência da maioria das pessoas.

Com relação à América Latina, deve-se ainda ter em vista que se trata de países de imigração, países em desenvolvimento, nos quais insuficientes conhecimentos e oportunidades de experiência, ignorância e

indiferença, ou os dois juntos, são freqüentes; que na maioria dos países, os programas das escolas são imitados, com poucas diferenças, dos países economicamente mais influentes da Europa Ocidental ou dos Estados Unidos, sem que se leve em consideração a própria realidade.

Na análise e no entendimento dos países do Terceiro Mundo, não se deve esquecer o efeito que têm as flutuações em condições sociais e culturais básicas; refiro-me às mudanças e conflitos, que – como até há poucos séculos em nossa própria cultura ocidental – colocam em questão os valores tradicionais; como, por exemplo, constância, perseverança, estabilidade; a orientação para o transcendental, ou seja, as formas de vida tradicionais, religiosas, entre outras. Em vista do que acabei de mencionar, não é difícil entender que determinadas obras artísticas, ou a criação artística como um todo, as quais para o europeu – carregado de uma tradição artística de praticamente dois mil anos – possam ter valor, não tenham necessariamente de ser valorizadas da mesma forma num país do Terceiro Mundo.

Valor não é qualidade absoluta. Valor é a qualidade relativa de um objeto a ser valorizado, que exprime uma relação – e, mais precisamente, uma relação dinâmica – entre este e o homem, conseqüentemente entre este e a sociedade. Características na música, por exemplo, de altura, duração, timbre, intensidade e outras, não são necessariamente objetivas em uma obra de arte. Não se deve esquecer que, em verdade, não há objetividade. Que objetividade é sempre um mínimo de subjetividade. Porque o homem não pode desempenhar o papel de um observador objetivo, mas, ao contrário, está a cada momento sendo compreendido no mundo observado, influenciando as propriedades do objeto observado.

Valor é sempre valor para uma determinada pessoa ou para um determinado grupo de pessoas. Portanto, valor relativo.

Dessa forma, para os índios que vivem hoje no Xingú, por exemplo, ou para as tribos originárias ainda existentes, nem a *Heróica* de Beethoven, nem uma obra de Chopin, Liszt, Stravinsky, Schoenberg ou Ligeti representam para eles valores.

Cantos monodimensionais simples, ou formas de comunicação sonora, em contrapartida, são para eles valores; para nós, no entanto, muitas vezes simples fatos antropológicos ou sociológicos.

Obras de arte têm valor sempre e exclusivamente para pessoas; na verdade, só para pessoas de uma determinada época ou de um determinado círculo cultural.

Elas respeitam esse valor porque cantos ou formas de comunicação sonora preenchem determinadas funções e causam às pessoas prazer, conforto, gozo ou até proveitos e ganhos, por satisfazerem determinadas necessidades, pois de alguma maneira lhes são úteis.



O valor de uma obra de arte depende primeiramente de sua função na sociedade, ou seja, do homem que a apreende, do *apreciador*, do consumidor. Por função entendo aqui ser eficaz, de uma determinada forma, dentro de um dado contexto.

A compreensão de uma obra de arte, no entanto, só é possível quando esta puder ser entendida por um *apreciador* com sensibilidade artística e estética. A sensibilidade no campo da arte depende, por sua vez, da inteligência, do ambiente sócio-cultural, da língua, da tradição, da cultura, da educação e de outros fatores similares.



Igor Stravinsky (*à esquerda*) e Arnold Schönbergs (*no alto*)

Tal compreensão, portanto, pode se dar de diferentes maneiras. *Apreciadores* com bagagem sócio-cultural diferente colocam-se de forma diversa frente a uma obra de arte e vivenciam esta de formas diferentes.

Talvez aquilo que nos separa seja exatamente o que nos une.

Em minhas exposições, parto do princípio de que a Arte, primeiramente, é um meio de comunicação, um veículo para a transmissão de idéias e pensamentos, daquilo que foi pesquisado e descoberto ou inventado, um meio de comunicação que faz uso de um sistema de sinais.

Portanto, por assim dizer, de linguagem artística. Isso porque todos os sistemas de sinais – artísticos ou naturais – são, em última análise, linguagens.

Comunicação, no entanto, é transmissão, é participar uma mensagem de algo novo, de fatos, acontecimentos ou processos que são novos, desconhecidos ou pouco conhecidos. Aquilo que é desconhecido ou pouco conhecido, no entanto, é diferente em cada sociedade e depende, finalmente, do nível de consciência e da bagagem cultural da mesma. Porque o mundo que percebemos é, em última instância, ilusão, uma idéia da realidade que beira a auto-ilusão, surgida do fato de que, desde o instante de nosso nascimento, esta nos tenha sido descrita sempre de uma mesma determinada forma.

Partindo da concepção de que a Arte é um meio de comunicação, que se serve de uma linguagem, pode-se concluir que uma contribuição para a tomada de consciência do novo, ou do desconhecido, seja uma das mais importantes, se não sua mais importante função.

Portanto, para nós, arte não pode ser – eu cito – “uma força singular, que brota da vida invisível da alma, de uma vida sonhada”, como escreveu o crítico norte-americano Lawrence Gilman no início deste século, ou também não pode ser “uma arte que vem de uma fonte profunda, que brota dentro de nós, e que só nós mesmos conhecemos”, para citar palavras do famoso crítico Olin Downes; e ainda não pode ser “a arte que nos foi dada com a única finalidade de criar ordem entre as coisas”, como escreve Stravinsky em sua *Chronique de ma vie* (*Crônicas de minha vida*).

A arte é, em primeiro lugar, uma contribuição para o alargamento da consciência e para a modificação do homem e da sociedade. Entendo aqui por consciência a capacidade do homem de apreender os sistemas de relações que atuam sobre ele, que o influenciam e o determinam: as relações entre um dado objeto ou processo e o homem, o meio-ambiente e o eu que o apreende.

As teses que se formaram e se desenvolveram no século XIX e na primeira metade deste século, de uma estética metafísico-idealista, do caráter *imprevenido, desinteressado* da experiência estética – no sentido das citações que acabei de mencionar –, perdem seu sentido. A experiência estética é incorporada ao âmbito daquelas, das quais provém a atividade social dos homens. Dessa forma, também a tese da educação artística, não como meio para a fruição da arte, mas como meio para a formação da personalidade dos jovens, ganha o seu fundamento e a sua justificativa.

Em cada fase de nossa cultura, a arte contribui para construir a consciência do homem. Ela influencia o comportamento do consumidor com relação a um determinado tipo de manifestação social e cultural e, conseqüentemente, com relação a seu comportamento nas condições sociais existentes.

É claro que os critérios, as normas de julgamento, são, não só socialmente, mas culturalmente, diferentes e mutáveis. Mudam as funções e as tarefas que as obras de arte têm a preencher. Essas funções e tarefas são diferentes para cada grupo social e desempenham, no campo da cultura, diferentes tipos de tarefas.

Arte popular, a chamada arte clássica ou erudita, arte para entretenimento, todas essas categorias de arte preenchem, no campo da cultura e do país, suas funções previamente delineadas, que, naturalmente com a ajuda de cada uma delas, precisam ser julgadas por nós. Cada uma dessas categorias tem seu próprio papel social, sua própria função social e seus próprios critérios de valor para satisfazer. Ao fazê-lo, da sua forma específica, enriquecem ou modificam a consciência do *apreciador* através da experiência estética.

Não se deve, no entanto, esquecer que a fraqueza de um conteúdo histórico ou ideológico, por assim dizer, mesmo apresentando-se perfeito quanto a forma ou em um ação artística *aparentemente* perfeita, não garante um valor claramente artístico, em virtude da insignificância do desvalor de seu conteúdo. O caráter atrasado ou mesmo reacionário de um conteúdo desse tipo, seja de natureza social ou cultural, também coloca em questão o valor artístico da obra de arte.

Por outro lado, mesmo a experiência mais profunda e mais cheia de significado do artista, não encontra ressonância no *apreciador* se não for transmitida de forma inteligível. Isto é, se o artista não utilizar uma linguagem, uma forma de expressão ou de representação que seja acessível ao *apreciador*; quando o repertório dos signos da linguagem (o *vocabulário*, por assim dizer) e a respectiva sintaxe não forem suficientemente familiares ao *apreciador*; quando a escolha dos signos artísticos e seu emprego em termos de redundância e informação não corresponderem, pelo menos aproximadamente, ao grau de conhecimento do apreciador.

Esta forma *artesanal*, parecida com o discurso lingüístico, no qual o conteúdo artístico é expresso ao *apreciador* (espectador), eu designaria como um critério importante, mas não decisivo, para a valorização da obra de arte. Em outras palavras, só têm valor aquelas obras cujos crité-

rios formais e de conteúdo se correspondem satisfatoriamente; quando estes estão conectados um ao outro pela vivência do criador ou, mesmo, de quem a interpreta. Ou seja, quando forem ligados humanamente (em relação ao conteúdo) e artisticamente (em relação à forma) pela contribuição individual do artista.

Importante para a valorização de uma obra de arte, ou de uma ação artística, é o critério em consequência do qual esta tenha de informar: tenha de comunicar algo novo, desconhecido ou pouco conhecido. Isso nos mostra o que o artista vivencia e sente em seu campo de ação, o que ele seleciona e vivencia desse campo de ação, para que lhe sirva como expressão artística. Esse mesmo critério revela-nos, ademais, a que tipo de arte, corrente ou tendência ideológica ou estética, o artista se confessa e o que, em seu tempo, ele afirma como sua orientação filosófica e intelectual.

(De fato, também, obras que no tempo em que foram feitas, tinham algo de novo a dizer, ainda guardam mais tarde seu valor. Elas perdem, porém, em geral, o seu conteúdo histórico, o contexto no qual foram idealizadas, por assim dizer, mas conservam, como dizemos hoje, a dinâmica de sua correalidade, a orientação ideológica que um dia aparentemente existiu, porque a informação se transforma sempre em redundância ao longo da história.)

Quando a essência das obras de arte muda, mudam também os critérios de valor. Tem valor em cada época, aquelas obras que, através de seu conteúdo, através da experiência duradoura e profunda do *autor* e através de uma correspondente *manifestação* artística desse conteúdo, enriquecem e alargam o nível de consciência do apreciador.

Estão em desvalor obras que não correspondem aos valores anteriormente citados, cujo conteúdo não é funcional, cujo estilo é eclético ou epigonal, isto é, cujo estilo se apóia de forma dependente em outros e cujo discurso da composição não apresenta a capacidade de comunicação.

Assim, para mim, o critério mais objetivo e mais convincente do valor e desvalor da obra de arte, e da atividade artística em geral, é o *estilo pessoal*, de cunho próprio do artista. Porque através dele, através da obra ou da respectiva atividade artística, a experiência de novos conteúdos é forçosamente transmitida ao *apreciador*; desperta nele sentimentos e pensamentos que transcendem o âmbito exterior da obra de arte ou da ação artística.

A obra de arte de uma personalidade artística forte, como acabei de frisar, não perde seu valor, nem mesmo quando a realização técnica, artesanal, aparentemente deixa a desejar.

Parece-me importante, até mesmo marcando época, o fato de que grande parte dos conceitos da estética de nosso tempo, seja bem parecida aos princípios básicos e à imagem do mundo de tradições originárias, religiosas e filosóficas.

Grande parte dos conceitos científicos do século XX leva-nos a ver o mundo de uma forma que lembra a cosmovisão de culturas originárias. Para mim, um dos mais importantes acontecimentos de nosso tempo é o fato de que a estética do Ocidente e os novos idiomas de expressão artística, desde o fim da Segunda Guerra, tendam sempre mais a transcender os aspectos tradicionais da sintaxe da chamada arte tradicional e a voltar-se para os princípios elementares das chamadas *culturas primitivas*.

Refiro-me principalmente aos elementos aleatórios, cada vez mais presentes na nova arte, improvisações individuais ou em grupo, e aos novos conceitos de espaço e tempo, causa e efeito, à superação do pensamento dualista e a outros conceitos tradicionais, que se formaram na fase racionalista da história de nossa cultura e que, em nosso tempo, se modificaram ou desapareceram por completo.

Personalidade significa comunicação de algo novo. Porque personalidades podem ser parecidas, mas nunca idênticas. Portanto, são sempre novas, incomuns e forçosamente raras. Raridade, porém, é valor, é valor de raridade, em *todas* as culturas, até mesmo nas chamadas primitivas, que ainda hoje existem entre nós.

Estilo é a mensagem *pessoal* do artista, medida de valor, critério e juízo valorativo, e a vivência pessoal do conteúdo da informação de sua arte, isto é, comunicação do novo é a interpretação pessoal desse conteúdo e satisfaz assim à função social de sua atuação artística.

Estilo não é jamais imitação, mediocridade ou aquilo que agrada à maioria, que faz sucesso; estilo é marca da personalidade, marca de distinção, a expressão da vivência individual, do conteúdo da informação transmitida. *Estilo é o próprio ser humano*.

A força da vivência individual, portanto o estilo pessoal, confere à obra função, formato, grandeza e ascendência, ou seja, valor.

É importante notar que essa força da vivência individual do artista continua a atuar em nós, por muito tempo, na chamada correalidade da

obra, mesmo quando esses sentimentos se baseiam em idéias e pensamentos, que, por algum motivo, já se tornaram estranhos, fato esse que leva alguns artistas a criarem para a posteridade. A função do artista, no entanto, *não é* a de criar para a posteridade, mas para o presente, isto é, criar para a sociedade na qual vive e atua.

O entendimento da obra de arte, em que estética e valorização racionalistas – freqüentemente, positivistas e mecanicistas – tradicionais, assim como uma estética integrante, na qual o racional, o espiritual e o intelectual se completam; um tal entendimento da arte e uma tal estética podem dar uma contribuição importante para o advento de um mundo em que o homem e a sociedade sejam componentes *essenciais*. Um mundo que esteja a caminho da realização de um grau máximo de veracidade. Um mundo, dentro de um sistema de partes inseparáveis que se influenciam mutuamente, em constante renovação, em que valor e desvalor se tornam complementares.

H.J. Koellreutter é flautista, compositor, regente e pedagogo. Além de artista e educador atuante na vida cultural brasileira, tem desenvolvido amplamente sua atividade como teórico musical. Atualmente dedica-se à composição, ao ensino de música e a estudos comparados das Artes Plásticas e da Música. Foi fundador do grupo *Música Viva* e dirigente da Escola de Música da Bahia, entre outros. Foi professor-visitante do Instituto de Estudos Avançados da USP.